

# Recensão Crítica: Treinar o Olhar e Depois Opinar

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.9>

**Carolina Franco**

Jornalista  
*Público na Escola*  
carolina.franco@publico.pt

## Descrição

Pode não ser considerado o género jornalístico mais nobre, e há até quem se tenha posicionado contra a sua prática, mas a recensão crítica tem persistido e resistido aos desafios do tempo – e é cada vez mais diversa.

A história da arte costuma posicionar o surgimento *oficial* da crítica no século XVIII, altura em que tanto a imprensa como os salões artísticos, e o próprio mercado da arte, se iam desenvolvendo. Nesse período histórico, e por muito tempo, o crítico de arte era alguém, na grande maioria dos casos um homem, proveniente de um contexto socioeconómico burguês, que se movimentava nos circuitos artísticos. No século XVIII, pensamos em Denis Diderot; no século XIX em Charles Baudelaire (Silveira, 2021).

A crítica surge com um papel de mediação: cabia aos críticos avaliar os objetos artísticos para que eventuais compradores/colecionadores pudessem ter uma opinião especializada, e para que o público no geral fosse desenvolvendo o seu gosto e tivesse acesso à produção artística da época. Nos dias que correm, há mais formas de produção artística e há mais diversidade entre quem escreve crítica.

O que é que a crítica não é? Um resumo ou uma mera descrição. O que é que uma crítica é? Uma impressão bem fundamentada sobre um determinado objeto ou acontecimento artístico – uma pintura, uma peça escultórica, uma exposição, um livro, um filme, uma peça de teatro, uma série, entre outros.

## Mãos à Obra

Quando decidiu que queria ser jornalista, Maya Phillips descobriu que havia gente que escrevia sobre “coisas divertidas” como filmes, peças de teatro, televisão, arte, música, e que podiam fazê-lo numa forma que “tinha tanta personalidade e tanto estilo”. Atualmente, Phillips é uma reconhecida crítica do jornal norte-americano *New York Times* e costuma escrever sobre teatro, cinema, televisão e literatura. A primeira dica que dá a quem quer começar a escrever crítica é: “começa com uma reação visceral” (The New York Times Learning Network, 2021, 00:00:41).

O que sentimos sobre determinada criação artística pode, de facto, ser um ótimo ponto de partida para escrevermos uma recensão crítica. O primeiro passo poderá ser escrever todas essas sensações no papel; depois, reunir as anotações e perceber o ângulo da crítica. Não vale a pena falar sobre tudo, é preciso selecionar o que consideramos mais relevante.

Na preparação do texto, é importante perceber como é que se vai sustentar a crítica. Escolher bons argumentos recorrendo a exemplos que tenham a obra em análise como ponto de partida. Para que o texto não perca a força, deve evitar-se o recurso excessivo a adjetivos e ir além de uma avaliação que varie entre “bom” e “mau”. Além disso, estabelecer uma relação entre a obra em análise e outras criações artísticas, bem como com o contexto em que se insere, no tempo e no espaço. Sempre que possível, visitar a obra – amadurecer as ideias, perceber se os argumentos continuam a ter força.

Ao contrário da notícia, da entrevista e da reportagem, a recensão crítica é um texto opinativo, no qual não é esperada neutralidade por parte de quem escreve. É esperada, sim, imparcialidade: na crítica não devem pesar amizades e relações pessoais; é o objeto artístico que está a ser avaliado, independentemente do resto. O estilo de escrita também não tem de ser neutro: ter um tom próprio é uma característica imprescindível deste género jornalístico.

Um crítico é um especialista. Isto significa que quanto mais filmes se vir, melhor se vai escrever sobre cinema; quanto mais livros se ler, melhor se vai escrever sobre literatura; quanto mais discos se ouvir, melhor se vai escrever sobre música. Treinar o olhar e o ouvido é o segredo para escrever boas recensões críticas.

## Não Esquecer

- Anotar momentos ou detalhes que nos parecem relevantes – ora porque nos impressionam positivamente, ora porque achamos que algo ali não faz sentido;
- Ir registando sensações. O que é que aquela peça de teatro nos está a fazer sentir? Que pensamentos nos vão ocorrendo enquanto estamos a ver aquele filme? No princípio, tudo importa;

- Refletir, rever o objeto de crítica. Se as cenas mais marcantes te continuam a impactar ou causar desconforto, vão ter de entrar no texto. Caso contrário, talvez não façam falta;
- Pesquisa além do objeto de estudo. Ter um enquadramento maior sobre a obra daquele autor ou as motivações daquele acontecimento vai dar força ao texto;
- Cuidado com os *spoilers*. Uma crítica pode – e deve – mencionar detalhes do que está a ser criticado, mas não deve contar a história inteira. Uma crítica não é um resumo;
- Ver, ouvir e ler muito. A crítica treina-se quanto mais expostos estivermos a objetos artísticos e a acontecimentos sociais.

## Uma Citação

“A função da crítica deveria consistir em mostrar como algo é o que é, até mesmo que é o que é, e não em mostrar o que significa” (Sontag, 1996, p. 14).

## Uma Curiosidade

A relação entre a crítica e os autores dos trabalhos artísticos criticados pode ser ambígua. Por um lado, a ideia do crítico de arte que vai avaliar uma obra pode causar desconforto; por outro, a crítica é uma forma de promoção do trabalho – sendo até, por vezes, incluídos excertos da crítica nos objetos promocionais da obra criticada. “Nenhum artista consegue, no fundo de si, aceitar a função de um crítico”, disse François Truffaut (1975/2015, p. 23).

## Ideias Para o Jornal Escolar

Há um livro que o/a jovem jornalista tenha lido e que acredite que toda a gente devia ler? Pode convencer os leitores do jornal através da crítica. Há um espetáculo que tenha visto no teatro da cidade e que o/a tenha deixado desconfortável? Pode pôr esse desconforto em palavras. Conciliar o que se ouviu, viu ou leu no conforto de casa com o que se viu ou ouviu numa sala de espetáculos longe da escola, fora do contexto educativo, tornará o espaço de crítica mais rico.

## Referências

Silveira, A. (2021). *Crítica de arte*. RTP Ensina. <https://ensina.rtp.pt/explicador/critica-de-arte/>

Sontag, S. (1966). *Against interpretation and other essays*. Farrar, Straus & Giroux.

The New York Times Learning Network. (2021, 15 de janeiro). *How to write art and culture reviews with Maya Phillips* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NMjY4wvaJ98>

Truffaut, F. (2015). *Os filmes da minha vida* (L. Lima, Trad.). Orfeu Negro. (Trabalho original publicado em 1975)